

BACCALAURÉAT GÉNÉRAL

ÉPREUVE D'ENSEIGNEMENT DE SPÉCIALITÉ

SESSION 2021

LANGUES, LITTÉRATURES ET CULTURES ÉTRANGÈRES ET RÉGIONALES

PORTUGAIS

Durée de l'épreuve : **3 heures 30**

L'usage du dictionnaire unilingue non encyclopédique est autorisé.

La calculatrice n'est pas autorisée.

Dès que ce sujet vous est remis, assurez-vous qu'il est complet.

Ce sujet comporte 10 pages numérotées de 1/10 à 10/10.

**Le candidat traite au choix le sujet 1 ou le sujet 2.
Il précisera sur la copie le numéro du sujet choisi**

Répartition des points

Synthèse	16 points
Traduction ou transposition	4 points

SUJET 1

Thématique : « Représentations culturelles : entre imaginaires et réalités »

Axe 3 : Le réel ; représentations et distorsions

1) Synthèse en portugais (16 points sur 20)

Après avoir pris connaissance des 3 documents qui composent ce dossier, vous rédigerez en portugais une synthèse (environ 500 mots) en prenant appui sur les consignes suivantes :

- Analise a importância do sonho e da imaginação na transformação do real, nos 3 documentos.

2) Traduction en français (4 points sur 20)

Traduisez en français l'extrait suivant du document 3 :

Baltasar entrou logo atrás do padre, curioso, olhou em redor sem compreender o que via, Então é isto, e o Padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de-ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar.

DOCUMENT 1 :

Pedra Filosofal

Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
5 como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
10 que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
15 bichinho álares¹ e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
no perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho
20 é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
25 máscara grega, magia,
que é retorta² de alquimista,

¹ álares: muito alegre

² a retorta: le récipient utilisé en chimie pour la distillation

mapa do mundo distante,
rosa dos ventos, Infante,
caravela quinhentista,
30 que é cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete³ de espadachim,
bastidor, passo de dança
Colombina e Arlequim,
35 passarola voadora,
pára-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
40 ultra-som, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
45 e que sempre que o homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos duma criança.

António GEDEÃO, *Movimento Perpétuo*, 1956

³ o florete: a espada

DOCUMENT 2 :

A PASSAROLA

Baltasar entrou logo atrás do padre, curioso, olhou em redor sem compreender o que via, talvez esperasse um balão, umas asas de pardal em maior, um saco de penas, e não teve mão que não duvidasse, Então é isto, e o Padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de-ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde

5 se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar. Mais para si próprio do que para Sete-Sóis, que do desenho não via mais que a semelhança da ave, e ela lhe bastava, o padre explicou, em tom primeiramente sereno, depois

10 animando-se, Isto que aqui vêes são as velas que servem para cortar o vento e que se movem segundo as necessidades, e aqui é o leme¹ com que se dirigirá a barca, não ao acaso, mas por mão e ciência do piloto, e este é o corpo do navio dos ares, à proa e à popa em forma de concha marinha, onde se dispoem os tubos do fole para o caso de faltar o vento, como tantas vezes sucede no mar, e estas são as asas, sem elas

15 como se haveria de equilibrar a barca voadora, e destas esferas não te falarei, que são segredo meu, bastará que te diga que sem o que elas levarão dentro não voará a barca, mas sobre este ponto ainda não estou seguro, e neste tecto de arames penduraremos umas bolas de âmbar, porque o âmbar responde muito bem ao calor dos raios do sol para o efeito que quero, e isto é a bússola, sem ela não se vai a parte

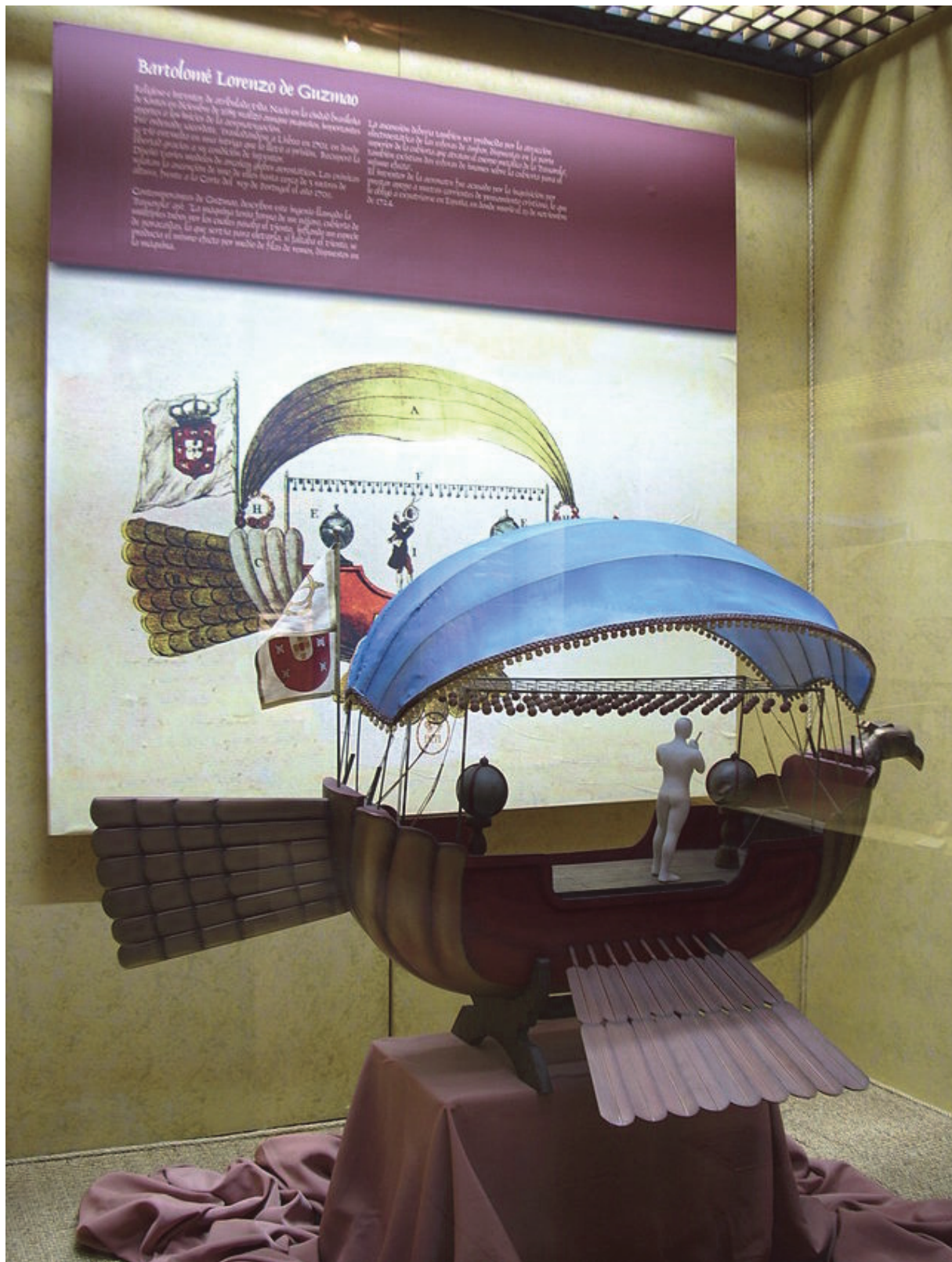
20 alguma, e isto são roldanas², servem para largar ou recolher as velas, como nos navios do mar. Calou-se alguns momentos e acrescentou, E quando tudo estiver armado e concordante entre si, voarei.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*, 1982

¹ o leme: *le gouvernail*

² a roldana: *la poulie*

DOCUMENT 3 :



Um modelo à escala 1:10 da delirante passarola do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão exposto no Museu Nacional Aeronáutico e do Espaço em Santiago do Chile.

SUJET 2

Thématique : « Aires lusophones, enjeux, perspectives et création ».

Axe d'étude 2 : Des territoires divers, un langage commun.

1) Synthèse en portugais (16 points sur 20)

Après avoir pris connaissance des 3 documents qui composent ce dossier, vous rédigerez en portugais une synthèse (environ 500 mots) en prenant appui sur les consignes suivantes :

- Identifique o tema comum aos 3 documentos.
- Mostre a valorização da língua portuguesa nos documentos 1 e 3.
- Analise a forma como os 3 documentos evocam a questão da identidade lusófona.

2) Traduction en français (4 points sur 20)

Traduisez en français le texte suivant, extrait du document 3 :

Corri quilómetros à procura do autocarro. Finalmente, já desesperado, fui ter com um polícia e expliquei-lhe o que tinha acontecido. Ele olhou-me desconfiado e pediu para ver o passaporte.

– Português? – O homem lançou-se nos meus braços. – Eu também sou português. [...]

Naquele entardecer, na fronteira entre Singapura e a Malásia, ele foi comigo, de autocarro em autocarro, até que um dos motoristas me reconheceu. O polícia confiou-me a ele. [...]

Não sei se chorei. Não me lembro. Talvez tenha chorado.

DOCUMENT 1 :

PORTUGAL, MEU AVOZINHO

Como foi que temperaste,
Portugal, meu avozinho,
Esse gosto misturado
De saudade e de carinho?

- 5 Esse gosto misturado
 De pele branca e trigueira¹,
 – Gosto de África e de Europa,
 Que é o da gente brasileira?
- 10 Gosto de samba e de fado,
 Portugal, meu avozinho.
 Ai, Portugal, que ensinaste
 Ao Brasil o teu carinho!
- 15 Tu de um lado, e do outro lado
 Nós... No meio o mar profundo...
 Mas, por mais fundo que seja,
 Somos os dois um só mundo.
- 20 Grande mundo de ternura,
 Feito de três continentes...
 Ai, mundo de Portugal,
 Gente mãe de tantas gentes!
- 25 Ai Portugal de Camões,
 Do bom trigo e do bom vinho,
 Que nos deste, ai avozinho,
 Esse gosto misturado
 Que é saudade e que é carinho!

Manuel BANDEIRA, (1886-1968)

¹ trigueira: morena

DOCUMENT 2 :

CONEXÃO LUSÓFONA

UCCLA

UNião das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

LISBOA

Festival da Lusofonia de Lisboa

20 - 25 Maio

Arte
Dança
Música
Literatura
Gastronomia
Conferência
Cidadania Lusófona

Consulte a programação em: www.cm-lisboa.pt

DESIGN | DMC | CML | ABRIL 2015

<http://www.cm-lisboa.pt>, [page consultée le 26 octobre 2020]

DOCUMENT 3 :

A NOSSA PÁTRIA MALÁSIA

Quanto a mim, descobri-me cidadão desta nossa língua – vasto território de afetos, valores e memórias –, ao cair de uma tarde já distante, na fronteira entre Singapura e a Malásia. Lembro-me que era uma sexta-feira porque a estrada estava cheia de autocarros. O motorista explicou-me, num inglês tumultuado, que às sextas-feiras os malaios imigrados em Singapura, onde ganham quatro vezes mais, regressam à pátria para passar o fim-de-semana com a família. Aos gritos, sempre aos gritos, mostrou-me a fila compacta de autocarros, e depois a desordem da feira dentro do nosso próprio veículo, e a multidão, ao longo da estrada, carregando às costas a opulência de Singapura.

Atordado pelo calor, o alarido¹, a estupenda fragrância que se desprendia de um cesto com mangas, mesmo atrás de mim, não percebi que já tínhamos chegado à fronteira. O motorista sacudiu-me do torpor gritando instruções em malaio, e a seguir em inglês, mas ao princípio não percebi a diferença. Compreendi, finalmente, quando os outros passageiros começaram a sair, que também eu devia saltar do autocarro, com os meus documentos, e passar a fronteira a pé. Não havia fila no portão destinado aos estrangeiros. O guarda lançou um olhar distraído para a minha fotografia, sorriu, e carimbou² o passaporte. Agradei, guardei-o no bolso, e dirigi-me para um bloco de pequenos restaurantes improvisados, disposto a comprar qualquer coisa para comer antes de reentrar no autocarro.

O autocarro? Deus, onde estava o autocarro?!

Eram centenas ali e na escuridão todos me pareciam iguais. Tentei lembrar-me do rosto do meu vizinho. Tentei lembrar-me de algum outro passageiro. Todos me pareciam iguais. Sentei-me numa mesa ao ar livre, num dos restaurantes, e só então me dei conta, assustado, quase em pânico, de que estava sem dinheiro. Comigo tinha apenas o passaporte, de cidadão português, e um bloco de apontamentos. Deixara a carteira no autocarro, dentro da mochila, junto com os restantes documentos. Por instantes, imaginei o meu destino: ficaria ali, naquele fim do mundo, mendigando umas moedas aos viajantes para comer um pratinho de arroz.

Corri quilómetros à procura do autocarro. Finalmente, já desesperado, fui ter com um polícia e expliquei-lhe o que tinha acontecido. Ele olhou-me desconfiado e pediu para ver o passaporte.

– Português? – O homem lançou-se nos meus braços. – Eu também sou português.

Também não era: natural de Malaca, cidade famosa pela sua população de remotíssima origem portuguesa, falava uma língua de fantasia, que ao princípio me pareceu crioulo de Cabo Verde, e depois me recordou velhos textos setecentistas. [...]

Naquele entardecer, na fronteira entre Singapura e a Malásia, ele foi comigo, de autocarro em autocarro, até que um dos motoristas me reconheceu. O polícia confiou-me a ele num discurso expansivo, inflamado, que eu julgo ter compreendido, mesmo sem entender uma única palavra. Por fim, voltou-se para mim e apertou-me a mão.

Não sei se chorei. Não me lembro. Talvez tenha chorado.

José Eduardo AGUALUSA, *A Substância do Amor e Outras Crónicas*, 2000

¹ o alarido: *le bruit*

² carimbar: *tamponner*